

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO LIVRO DIDÁTICO E SUA INFLUÊNCIA NA IDENTIDADE DOS ALUNOS⁴⁶

Anna Carolina Barbosa Silva (UVA)
annacarolinabarbosa10.bam@gmail.com

Viviane Ribeiro Andrade (UVA)
vivianeandrade07@outlook.com

Claudia Cristina Mendes Giesel (UVA)
claudia.giesel@uva.br

Fernanda Iglesias Webering (C.E.Hispano Brasileiro)
profernanda.lettras@gmail.com

RESUMO

Tendo em vista o silenciamento e banalização de mulheres negras que se dá pelos meios de comunicação; considerando, cor e gênero das mesmas, ocorre uma invisibilidade de potencial e uma inferioridade quanto ao homem branco. Nota-se isso com clareza no livro didático, instrumento pedagógico de suma importância e que é considerado um meio facilitador para docentes. Este trabalho visa a análise de um livro didático de Língua Portuguesa utilizado em uma escola estadual do Estado do Rio de Janeiro, levando ao entendimento crítico dessas questões de estereótipo, gênero e raciais anteriormente mencionadas; e a uma compreensão aprofundada da influência desse fato na formação identitária docente. Este estudo faz uso da Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2001) como pressuposto metodológico para a análise de dados.

Palavras-chave:

Identidade. Representatividade. Livro didático. Mulher negra.

1. Introdução

Considerando que a representatividade da mulher negra é uma questão ainda bastante recente na sociedade nos dias de hoje, é necessário o reconhecimento de que esse assunto deve ser expandido nas pesquisas na área educacional.

De acordo com dados do IBGE (2017), mais da metade da população nacional é constituída por negros, sendo o sexo feminino também predominante no Brasil. Ao observar o material didático usado como corpus deste estudo, nota-se que homens brancos são majoritariamente representados seja por meio de diálogos, imagens ou exercícios. Isso

⁴⁶ Artigo vinculado ao programa de Residência Pedagógica.

mostra a necessidade de um olhar mais crítico e reflexivo com relação aos materiais didáticos usados em sala de aula.

A representação da mulher negra nos livros didáticos ainda é bastante tímida e estereotipada. A forma na qual ela acontece acaba gerando invisibilidade quanto a esse grupo de mulheres, colocando-as em uma posição de inferioridade. Essa ausência de representatividade certamente leva à dificuldade dos alunos de alcançarem o desenvolvimento do pensamento crítico com relação à representação identitária.

É certo que a representatividade de grupos sociais com pouca visibilidade gera resultados positivos num aspecto geral e, assim, é necessário que haja um olhar crítico com relação aos livros didáticos. Portanto, é de suma importância analisar a falta de representatividade da mulher negra nos livros didáticos utilizados pelos jovens da educação básica, tendo em vista que livros didáticos são impregnados de ideologias hegemônicas que constroem identidades, de acordo com Silva (2005) e Ferreira (2011).

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo analisar, sob a ótica da Análise Crítica do Discurso o livro didático de língua portuguesa: *Português – Contexto, interlocução e sentido*, Vol. 1, 1º Ano (2016), das autoras Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara, utilizado no ensino médio em uma escola estadual da rede pública no estado do Rio de Janeiro.

2. Embasamento Teórico

O principal tópico deste trabalho é a representação da mulher negra. Elas lutam para conquistar seu espaço, dar voz às suas lutas e conseguir conquistar seu espaço na sociedade. Werneck (2010) discute esse fato, afirmando que as condições delas são extremamente desvantajosas em relação às outras pessoas para criar estratégias de disputa com os diferentes segmentos sociais; que devem recolocar e valorizar o papel destas mulheres como agentes importantes e essenciais para a nossa sociedade.

Quando se trata da história da mulher negra, Guedes (2017) escreve que o preconceito começou na época da escravidão e que muito influenciou o modo que são vistos atualmente. Diante da história narrada pelo colonizador, o negro assume e assimila uma história baseada na discriminação social e racial. A escravidão é o processo de enraizamento e construção identitária da população negra. Percebe-se que a valorização

de alguma identidade está sempre relacionada com a história do homem branco, de preferência o europeu e que o negro seria um “ser estranho” na sociedade.

A escravidão muito influenciou também nas representações no livro didático, pois estes são feitos na visão do colonizador e em sua maioria, escritos por brancos. Quando se trata das mulheres negras, a situação se agrava, pois por serem do sexo feminino, ainda são sexualizadas ao longo da história pela sociedade patriarcal. O racismo e o machismo perpetuam o poder de um grupo em detrimento ao outro. Almeida (2010) afirma que a relação de dominação dos senhores e escravos era erotizada, pois as escravas eram vistas apenas como objetos para satisfazê-los.

A representação de minorias, no caso da presente pesquisa, da mulher negra, é muito importante para a construção da identidade dos alunos. Segundo Gomes (2005, p. 41) “[...] A identidade não é algo inato, mas sim um modo de ser no mundo e com os outros”. Para a autora, a identidade dos indivíduos não nasce com eles, ela é construída ao longo de sua vida e que as influências que os rodeiam formarão sua identidade, de maneira negativa ou positiva. Portanto, os livros didáticos, presentes na vida das crianças desde a 1ª série, terão influência na identidade dos alunos.

O livro didático é o principal instrumento de estudo dentro de sala de aula pela facilidade que ele proporciona aos docentes. Em alguns casos, pode ser até o único objeto utilizado pelo professor. Segundo Bittencourt (1997), desde o século XIX, é o principal meio de trabalho de professores e alunos, sendo utilizado nas mais variadas salas de aula e situações pedagógicas.

A escola é onde a criança passa a maior parte do tempo, por isso, ela é fundamental para sua formação de valores. Sobre o tema, Wilson afirma que (2014) a psicóloga Phyllis Katz, em uma de suas pesquisas, afirmou que as crianças tinham menos probabilidades de terem atitudes raciais ruins e negativas com base na raça de outra pessoa quando expostas a imagens individuais de minorias, o que evidencia a necessidade de uma educação e exposição positiva das representações raciais. É preciso compreender que crianças começam a desenvolver atitudes e reconhecer identidades raciais desde a primeira infância e que esse entendimento esclarece o motivo da importância de criar representações positivas de raças e relações raciais para crianças pequenas.

Silva (2005) acredita que um fator tão agressivo quanto os estereótipos é a invisibilidade, pois não ser visível nas ilustrações dos livros didáticos ou aparecendo realizando papéis subalternos podem ocasionar na pessoa negra um desacolhimento do seu grupo étnico racial. As minorias fazem uma leitura do mundo à sua volta também a partir do livro didático. Assim, representações que influenciam positivamente na autoestima de jovens negras é de grande valia na promoção da igualdade racial dentro e fora da sala de aula.

Assim, quando as imagens mostradas causam a invisibilidade das mulheres negras, as crianças manterão uma atitude racial negativa, com base nestas representações. É necessário expor as crianças à imagens positivas. Quando essas representações são negativas, é provável que as meninas negras se sintam desvalorizadas e fora do meio social em que vivem. Gomes (2005) argumenta que a identidade é algo construído na trajetória escolar e a escola também deve ter a responsabilidade de compreendê-la e respeitá-la, como todas as outras identidades construídas pelos alunos. Os livros didáticos têm muitas imagens e diálogos que desvalorizam mulheres negras, afetando assim suas identidades. Segundo Dambrós (2014), o momento histórico atual busca o respeito pela diversidade e é clara a ideologia representada em materiais didáticos ao apresentar estereótipos, subalternidade e uma realidade que não condiz com a das escolas, levando a invisibilidade dos negros nos livros didáticos.

3. Metodologia

Este estudo foi desenvolvido sob a ótica da Análise Crítica do Discurso, desenvolvida por Fairclough (2001). Ela servirá como fundamento principal para a verificação da frequência e do modo que as mulheres negras aparecem no material didático em questão.

Como uma consequência dessa análise da representação das mulheres negras no material utilizado pelos alunos dessa escola, será discutido ainda a forma que esta apresentação didática traz impactos para as formações de identidade dos alunos.

Por meio do discurso manifestado dentro de um contexto social que se dão ideologias que cercam ideias cotidianas. Há um tempo que a representação da mulher negra tem sido diferente, fugindo da representação antiga e preconceituosa como escrava, empregada doméstica ou em alguma outra posição que não permite visibilizar um crescimento acadê-

mico ou social para ela; sendo a mídia o principal veículo no qual essa mudança se faz bem mais visível.

A voz da mulher negra nunca teve tanto destaque, porém, isso é algo que está mudando cada vez mais. Fairclough (2001), no livro *Discurso e Mudança Social*, insere a necessidade da formação da identidade através do discurso e a linguagem exposta no material didático, certamente, assim como uma linguagem aleatória, é algo que influencia de forma direta a sociedade.

No caso, o grupo em questão que usa o material didático é influenciado, de alguma forma, pelo conteúdo apresentado no livro didático, reforçando ideias culturais e sociais (RESENDE, 2006). Tendo em vista a sociedade jovem que faz uso desse material, o qual carrega uma linguagem que se volta diretamente para o processo de aprendizagem dela, é possível afirmar que esse conteúdo é capaz de atingi-los, carregando também um viés extra discursivo.

Esse viés extra discursivo anteriormente mencionado trata-se da capacidade de transformar e atingir os receptores do conteúdo que está sendo exibido (Fairclough, 2001). O discurso, ainda de acordo com o autor, é capaz de ter um duplo sentido, sendo manipulado, então, por quem o escreve, a fim de carregar também ideologias, que por mais que não estejam explícitas, elas existem.

A hegemonia, tópico teórico presente em discursos, ainda de acordo com Fairclough (2001) representa uma estrutura de poder de uma classe, geralmente dominante sobre uma classe menos favorecida. Em outras palavras, é a luta popular versus dominações ideológicas que desfavorecem o povo.

Como consequência do entendimento desses aspectos teóricos, então, a análise feita neste trabalho levará em consideração o fato de que a ideologia presente no material didático estudado está sendo exposta indiretamente, desfavorecendo de forma extra discursiva as mulheres negras, fazendo com que elas sejam representadas de forma inferior perante a classe dominante e que historicamente, exerce uma certa autoridade: a classe dos homens brancos.

Assim, é preciso haver um resgate quanto à identidade das jovens negras que farão uso do material didático, tendo em vista que essa visão preconceituosa deve ser rompida, dando espaço à igualdade e visibilidade para todas as pessoas, independente do que elas sejam ou escolham ser,

mantendo sempre o respeito e a luta por uma sociedade que dá lugar àqueles que até há pouco tempo eram considerados desfavorecidos.

4. Análise dos dados

Para iniciar a análise, é necessário o entendimento da mulher negra no livro didático e a sua importância. Como dito anteriormente, a identidade não é algo inato ao indivíduo, mas sim construído ao longo de sua vida. As autoras Alves e Maia (2016) explicam bem essa questão relacionando-a com a de gênero e raça nos livros didáticos:

Levando em consideração que a construção de uma identidade é relacional, entende-se que essa construção se dá a partir do que a sociedade em que o sujeito se encontra foi historicamente submetida. A escola influencia diretamente na formação da identidade de uma criança, e para que ela possa se auto afirmar negra sem sentir um mal estar ou vergonha, é preciso que seja ensinado nas escolas o valor da cultura afro-brasileira e da importância dos negros para a construção do país, não apenas como escravos, mas como pessoas que trouxeram consigo grande bagagem cultural que se enraizaram e que mesmo sem saber fazemos uso e nas mais variadas áreas como, por exemplo, a culinária, a linguagem, a música e etc. (ALVES; MAIA, 2016, p. 5)

A escola é o principal lugar que crianças e adolescentes permanecem ao longo de sua vida, sendo assim, ela influencia diretamente sua identidade. O que acontece, e é a grande questão deste trabalho, é que a identidade de alunas negras não é respeitada, pois a representação delas é invisível ou limitada apenas pela questão da escravidão, o que apaga sua luta e a faz sentir vergonha de sua cor. É necessária, deste modo, uma valorização da figura da mulher negra no livro didático para este fato não ocorrer.

O livro a ser analisado é “Português-Contexto, interlocução e sentido” das autoras Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara, para o primeiro ano do ensino médio, 3ª edição (2016) da editora Moderna, e é utilizado em uma escola estadual do estado do Rio de Janeiro. O livro é um volume único para o primeiro ano do ensino médio, que inclui português e literatura, dividido em duas partes. Na escola, literatura não é uma matéria a parte no currículo, portanto, as aulas de língua portuguesa também incluem as questões literárias.

A primeira dimensão da ACD criada por Fairclough (2001), a textual, analisa os elementos linguísticos e semióticos utilizados em determinados discursos para investigar práticas hegemônicas. No livro didático

co analisado, as imagens demonstram uma representação mais forte comparado aos outros recursos do livro. Por ter conteúdo de literatura além do gramatical, são muitas as imagens históricas retratadas como pinturas.

Podemos observar que não existe nenhuma figura de uma mulher ou de uma personagem negra no livro. Todos os personagens de tirinhas são brancos, e quando são propostas atividades de interpretação com imagens de publicidade, as pessoas mostradas também são brancas. Há pouca ou nenhuma preocupação em demonstrar diferentes culturas, raças e gêneros nas imagens, o que transmite a ideia lexical que estas culturas não são importantes ou relevantes.

Outro item observado é o fato que a única imagem mostrada no livro de uma pessoa negra é uma pintura de um escravo, que é colocada na página de exercícios. Nesta página, é solicitado para que os alunos observem a imagem e reflitam sobre as viagens realizadas na época da colonização e as intenções do artista em fazer um quadro como aquele. O negro, ainda segundo a primeira dimensão da ACD, é demonstrado como um ser diferente do homem branco que o “descobriu”. Essa imagem relacionada à questão do livro mostra o negro em um patamar inferior ao branco. Os negros ocupam uma posição cujos léxicos transmitem a opinião destes homens como sendo inferiores. Portanto, a raça negra é representada de forma estereotipada mostrando o negro apenas em papel de escravo.

A segunda dimensão da ACD, presente no modelo tridimensional de Fairclough, trata da prática discursiva. É nesta fase que se encontra a grande problemática deste preconceito velado, ela consiste em verificar os meios de produção e como é feita a distribuição do discurso. Como este livro didático analisado é usado em uma escola pública estadual do estado do Rio de Janeiro, a sua distribuição e influência é grande em vários alunos que fazem uso desse material diariamente.

Estas ideias preconceituosas e a invisibilidade da mulher negra são amplamente divulgadas, pois o livro didático é o principal instrumento de ensino na sala de aula. Não acompanhar o ritmo das mudanças sociais, a falta de engajamento com diferentes culturas, raças e gêneros e a falta de reflexão crítica estão entre os principais problemas encontrados nesse material.

A terceira dimensão da ACD é a prática social. Ela consiste em reconhecer hegemonias presentes no discurso, isso é, diz respeito a prá-

ticas injustas que são viabilizadas e naturalizadas por meio dele. No caso do livro, o que é naturalizado é a falta de representatividade feminina e negra. Também é extremamente injusto com a luta dos negros como o livro que retrata várias imagens históricas e tirinhas, conter apenas uma representação, com um escravo.

É de extrema importância que os docentes apresentem discussões sobre racismo e sexismo, pois estes assuntos são excluídos do material do livro didático. Esta exclusão da mulher negra deveria ser debatida em sala, para assim formar sujeitos reflexivos. Quando o professor exclui esse debate, estará negligenciando a luta das mulheres negras e o caminho percorrido por elas para chegar aonde elas chegaram hoje.

5. Considerações finais

A falta de representatividade da mulher negra nos livros didáticos acarreta efeitos negativos na sociedade como um todo. A Análise Crítica do Discurso desenvolvida por Norman Fairclough nos proporciona o entendimento de que se faz necessário identificar o contexto da produção do discurso.

Estereotipar, sub-representar e ignorar a mulher negra terá um impacto negativo para a educação de forma geral já que discursos hegemônicos são (re)produzidos também a partir de livros didáticos. Além disso, quando a mulher negra não se vê representada nele, ou seja, não tem referências para se espelhar, é possível haver uma auto-rejeição da própria figura, o que consequentemente influenciará na sua construção identitária.

Concluimos que a representação racial e de gênero em livros didáticos é essencial, uma vez que essa representação é de suma importância para a construção identitária dos alunos. Acreditamos que estudos sobre como a mulher negra é representada nos livros didáticos devem ser expandidos para que possamos refletir sobre discursos hegemônicos que tanto afetam o avanço da democracia em nosso país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. *Português – contexto, interlocução e sentido*: 1º Ano. 408 p. v. 1. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

ALMEIDA, Lady Christina de. *Trilhando seu próprio caminho: Trajetórias e protagonismo de intelectuais/ativistas negras, a experiência das organizações Geledés-SP e Criola-RJ.*, Rio de Janeiro, 2010.

ALVES, Letícia Thaynã de Queiroz.; MAIA, Renata Leidiane Oliveira. A Mulher Negra no Livro Didático. In: *X Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental*. Anais do VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na PanAmazônia. Rio Branco-AC, 2016.

BITTENCOURT, Circe. *O Saber Histórico na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

DAMBROS, Lilian Paula; Identidades sociais e de raça e de classe nos livros didáticos de inglês do Ensino Médio. In: *Revista de Educação Dom Alberto*, n. 5, v. 1, jan./jul. 2014. Disponível em <<http://www.domalberto.edu.br/wp-content/uploads/2017/05/Identidades-Sociais-de-Ra%C3%A7a-e-Classe-nos-Livros-Did%C3%A1ticos-de-Ingl%C3%AAs-do-Ensino-M%C3%A9dio.pdf>>. Acesso em 05 jun. 2018.

FERREIRA, Aparecida de Jesus; FERREIRA, Susana Aparecida. Raça/Etnia, Gênero e suas Implicações na Construção das Identidades Sociais em Sala de Aula de Línguas. In: *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 03, nº 02, p. 114-129. ago/dez, 2011.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. 2. ed. Brasília: UnB, 2001.

GOMES, Nilma L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre Relações Raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASÍLIA, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Org). *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília, 2005. P.39 – 62.

GUEDES, Bruno. A representatividade dos negros no livro didático de história: revisão bibliográfica e estudo comparativo. In: *Revista Historiador*, Número 9. Ano 9. Fevereiro 2017. Disponível em < <http://www.historialivre.com/revistahistoriador>>. Acesso em 05 jun. 2018.

RESENDE, Viviane. Análise de discurso crítico: uma perspectiva transdisciplinar entre a Linguística Sistêmica Funcional e a Ciência Social Crítica. In: *33rd International Systemic Functional Congress*, 2006.

SARAIVA, Adriana. População chega a 205,5 milhões, com menos bran-

cos e mais pardos e pretos. Agência de Notícias, 2017. <https://agenciade-noticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-pnad-c-moradores>. Acesso em 10/11/18.

SILVA, Ana Célia. A discriminação do negro no livro didático. In: Salvador: CED – Centro Editorial Didático e CEAO – Centro de Estudos Afro - Orientais, 1995, p. 34; 47; 135.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e Aprendizagem e ensino das Africanidades brasileiras. 2. ed. In: Munanga, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. Ministério da Educação Continuada, alfabetização e diversidade, 2005 (23; 155; 172)

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. In: *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 7-17, jun. 2010. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/303>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

WILSON, Jenna, Race Representations in Children's Picture Books and Its Impact on the Development of Racial Identity and Attitudes (2014). Western Libraries Undergraduate Research Award. 4.https://cedar.wvu.edu/library_researchaward/4 good representation, the students might turn to citizens with bad ideas.